

Comportamento adaptativo em adolescentes típicos: efeito do sexo e nível socioeconômico

RAYRA SANTOS DE SOUZA

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil.

E-mail: rayrassouza07@gmail.com

PAULA RACCA SEGAMARCH

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil.

E-mail: paulasegamarchi@hotmail.com

MARINA MONZANI DA ROCHA

Instituto Par – Ciências do Comportamento, São Paulo, Brasil.

E-mail: marinamonzani@gmail.com

Resumo

O comportamento adaptativo, ainda que historicamente associado ao campo da deficiência intelectual, deve ser investigado em diferentes contextos, já que déficits nessas habilidades limitam a independência dos indivíduos e afetam sua participação na sociedade. À vista disso, buscou-se analisar o comportamento adaptativo de adolescentes com desenvolvimento típico, visando investigar se sexo e nível socioeconômico são variáveis influentes na apresentação dessas habilidades. Para tanto, 84 responsáveis por meninos ($n = 43$) e meninas ($n = 41$) com idades entre 10 e 19 anos responderam à Escala Vineland de Comportamento Adaptativo – II e um questionário de dados socioeconômicos. Não foram encontradas diferenças significativas nas comparações de médias e na classificação das pontuações em função do sexo do adolescente. Em relação ao nível socioeconômico, os adolescentes com nível socioeconômico alto foram avaliados com pontuação significativamente maior no subdomínio de “Leitura e Escrita” ($p = 0,020$) e foi observada diferença marginalmente significativa no subdomínio de “Relações Interpessoais”, com pontuações maiores para adolescentes com nível socioeconômico baixo ($p = 0,058$). Foi verificada uma correlação negativa marginalmente significativa de pequena magnitude ($r = -0,279$; $p = 0,070$) entre a pontuação socioeconômica e a pontuação dos meninos no subdomínio “Brincar e Lazer”. O sexo não foi uma variável relevante para

Recebido em: 03/02/2023

Aprovado em: 16/08/2023



diferenciar o CA na amostra estudada. Diante disso, é possível que as demandas para o desenvolvimento do CA no contexto brasileiro sejam semelhantes para ambos os sexos, enquanto as diferenças em função do nível socioeconômico reforçam a necessidade de que o sistema educacional utilize estratégias para superar as desigualdades sociais no desenvolvimento de habilidades acadêmicas como leitura e escrita.

Palavras-chave

Adolescência. Desenvolvimento humano. Sexo. Nível socioeconômico. Comportamento adaptativo.

Adaptive behavior in typical adolescents: gender effect and socioeconomic level

Abstract

Adaptive behavior, even if historically associated to the field of intellectual disability, must be investigated in different contexts, since deficits in these abilities limit the independence of individuals and affect their participation in our society. In view of that, this work sought to analyze the adaptive behavior of adolescents with typical development, aiming to investigate if gender and socioeconomic level are influential variables in the presentation of these abilities. Therefore, 84 responsible for boys ($n = 43$) and girls ($n = 41$) aged 10 to 19 years responded to Vineland Adaptive Behavior Scale-II and a socioeconomic data questionnaire. No significant differences were found in the comparison of means and in the classification of scores according to the adolescent's gender. Regarding socioeconomic level, adolescents with high socioeconomic status were evaluated with significantly higher scores in the "Reading and Writing" subdomain ($p = 0.020$), and a marginally significant difference was observed in the "Interpersonal Relations" subdomain, with higher scores for adolescents with low socioeconomic status ($p = 0.058$). A marginally significant negative correlation of small magnitude ($r = -0.279$; $p = 0.070$) was verified between the socioeconomic score and the boys' score in the subdomain "Play and Leisure". Gender was not a relevant variable to differentiate AC in the studied sample, given that it is possible that the demands for the development of AC in the Brazilian context are similar for both sexes. While differences according to socioeconomic level reinforce the need for the educational system to use strategies to overcome social inequalities in the development of academic skills such as reading and writing.

Keywords

Adolescence. Human development. Gender. Socioeconomic status. Adaptive behavior.

Comportamiento adaptativo en adolescentes típicos: efecto del género y nivel socioeconómico

Resumen

El comportamiento adaptativo, aunque históricamente asociado al campo de la discapacidad intelectual, debe ser investigado en diferentes contextos, ya que los déficits en estas habilidades limitan la independencia de los individuos y afectan su participación en la sociedad. Ante esto, se buscó analizar el comportamiento adaptativo de adolescentes con desarrollo típico, con el objetivo de investigar si el género y el nivel socioeconómico son variables influyentes en la presentación de estas habilidades. Para ello, 84 responsables de niños ($n = 43$) y niñas ($n = 41$) de entre 10 y 19 años respondieron la Escala Vineland de Comportamiento Adaptativo-II y un cuestionario de datos socioeconómicos. No se encontraron diferencias significativas en la comparación de medias y en la clasificación de las puntuaciones según el sexo del adolescente. En cuanto al nivel socioeconómico, los adolescentes con nivel socioeconómico alto fueron evaluados con puntajes significativamente más altos en el subdominio “Lectura y escritura” ($p = 0,020$) y se observó una diferencia marginalmente significativa en el subdominio “Relaciones interpersonales”, con puntajes más altos para los adolescentes con nivel socioeconómico bajo ($p = 0,058$). Se verificó una correlación negativa marginalmente significativa de pequeña magnitud ($r = -0,279$; $p=0,070$) entre el puntaje socioeconómico y los puntajes de los niños en el subdominio “Juego y Ocio”. El género no fue una variable relevante para diferenciar la CA en la muestra estudiada, dado que es posible que las exigencias para el desarrollo de la CA en el contexto brasileño sean similares para ambos sexos. Mientras que las diferencias según el nivel socioeconómico refuerzan la necesidad del sistema educativo de utilizar estrategias para superar las desigualdades sociales en el desarrollo de habilidades académicas como la lectura y la escritura.

Palabras clave

Adolescencia. Desarrollo humano. Género. Nivel socioeconómico. Comportamiento adaptativo.

INTRODUÇÃO

Investigações sobre o Comportamento Adaptativo (CA) cada vez mais frequentemente têm sido inseridas como parte do processo de avaliação do desenvolvimento de um indivíduo (Lisboa; Custódio, 2016). O conceito de “Comportamento Adaptativo tem suas raízes na história da definição de Deficiência Intelectual (DI)” (Sparrow; Cicchetti; Saulnier, 2019, p. 11), uma vez que ele começou a ser utilizado quando a Associação Americana de Deficiência Mental (American Association on Mental Deficiency – AAMD) passou a incluí-lo na compreensão do retardo mental em seu manual de 1959, reimpresso com pequenas correções em 1961 (Grossman, 1983). Todavia, apesar de estar fortemente relacionado às deficiências físicas e intelectuais, uma vez que se refere ao desempenho de atividades diárias que são necessárias para a independência, tanto pessoal quanto social (Sparrow; Cicchetti; Saulnier, 2019), constituindo-se de um conjunto de habilidades aprendidas e necessárias para que o indivíduo assuma seu papel de membro ativo na comunidade na qual está inserido (Santos, 2007), o CA não está restrito unicamente a esse contexto (Mecca *et al.*, 2015) e sua investigação é importante em diversos cenários, já que déficits nessas habilidades limitam a independência dos indivíduos e que o CA é determinante para a participação da pessoa na sociedade (Ferreira; Van Munster, 2014).

De acordo com Sparrow, Cicchetti e Saulnier (2019), existem quatro princípios inerentes ao conceito do CA, com base nos quais entende-se que o comportamento adaptativo: (1) varia de acordo com a idade do indivíduo; (2) é necessariamente avaliado no contexto social; (3) é modificável; e (4) é definido por aquilo que o indivíduo faz, não pela sua capacidade. Portanto, o CA é compreendido no contexto do desenvolvimento (Arouca, 2013), de forma que, para a maior parte dos indivíduos, o repertório de comportamentos adaptativos se torna mais complexo conforme a idade avança, e nas fases iniciais do desenvolvimento, atividades como vestir-se ou interagir com colegas são importantes, enquanto na fase adulta, manter-se em um emprego e administrar finanças são comportamentos necessários (Sparrow; Cicchetti; Saulnier, 2019).

Price, Morris e Costello (2018) identificaram em uma revisão sistemática que o CA tem sido frequentemente avaliado por modelos de três fatores que identificam habilidades sociais, conceituais e práticas. Os principais instrumentos utilizados para avaliar o CA são o Adaptive Behavior Assessment System

(Abas) e a Vineland Adaptive Behaviour Scales (Vabs), visto que ambas demonstram propriedades psicométricas mais sólidas (Price; Morris; Costello, 2018). Ferreira e Van Munster (2014) investigaram os instrumentos utilizados para a avaliação do CA em pessoas com deficiência intelectual e identificaram a predominância do uso de instrumentos padronizados (utilizados em 80% dos estudos pesquisados), principalmente a Vabs (utilizada em 50% dos estudos), a Adaptive Behavior Scale (ABS) (11,67%) e a Abas (6,67%). No Brasil, apenas a Vabs possui tradução para o português brasileiro, embora não exista nenhum instrumento que avalie o CA validado e normatizado para a população brasileira (Ferreira; Van Munster, 2014). No momento, o Adaptive Behavior Assessment System 3 (Abas-3) está no processo de adaptação transcultural e validação para o Brasil (Mecca *et al.*, 2022).

Santos e Morato (2016) compararam o CA de alunos com e sem dificuldades intelectuais e desenvolvimentais (DID) e verificaram que os participantes com DID apresentaram mais dificuldades referentes a atividades domésticas, econômicas, entre outras. Tais déficits se constituem como vulnerabilidades à participação na vida diária e no sucesso acadêmico, uma vez que o CA engloba habilidades importantes para o funcionamento independente, responsabilidade pessoal e social (Santos; Morato, 2016). Algumas características que explicam as diferenças encontradas possivelmente são maior dependência, dificuldades cognitivas, tais quais prejuízos na atenção e memória, e limitações referentes à compreensão de regras sociais, o que evidencia a importância da avaliação do CA como recurso capaz de auxiliar no desenvolvimento de planos individualizados (Santos; Morato, 2016). Nessa direção, observa-se que atualmente há maior interesse pela investigação dessas habilidades, especialmente na infância e na adolescência, que se justifica pela importância das interações com os outros e com o meio circundante no processo de crescimento (Arouca, 2013). As primeiras dessas interações sociais ocorrem na família e exercem grande influência sobre o processo de construção e desenvolvimento humano (Costa; Laport, 2019), de modo que a ação educativa dos pais e as mensagens que transmitem, por meio de seus modelos educativos, são importantes para o sucesso dos comportamentos adaptativos nos filhos (Santos; Morato, 2002).

No entanto, a estrutura familiar por si só não explica o desenvolvimento da socialização dos filhos, ou seja, crianças educadas em famílias com configurações não tradicionais não necessariamente possuem problemas de socialização, bem como ser educado numa família nuclear não significa ausência

de problemas de comportamento nessa área (Morgado; Dias; Paixão, 2013). Portanto, quando se discute o poder que as famílias exercem sobre o comportamento das crianças e adolescentes, é preciso compreender não somente o modo como ela se configura, mas também alguns outros fatores, como a relação entre seus membros e suas características sociodemográficas (Melo; Marin, 2016), uma vez que o baixo nível socioeconômico tem sido considerado um fator de risco ao desenvolvimento (Ferreira; Marturano, 2002). Crianças pobres em países de baixa e média renda são mais expostas a maior variedade, número e intensidade de fatores de risco e, ao mesmo tempo, a menos influências protetoras em comparação às crianças em países de altas rendas (Wachs; Cueto; Yao, 2016).

Os efeitos relacionados ao nível socioeconômico, que para Hollingshed (1975) é um conceito multidimensional que costuma, em pesquisas, englobar escolaridade, ocupação e renda anual dos pais, são descritos sobre todo o desenvolvimento cognitivo da criança (Cavalcante *et al.*, 2020). Assim, é clara a importância de se investigarem crianças e adolescentes advindos de condições socioeconômicas desfavoráveis. Em um estudo de Ferreira e Marturano (2002) acerca do ambiente familiar e dos problemas de comportamento apresentados em crianças com desempenho escolar baixo, encontraram-se mais problemas de comportamento no grupo de crianças com menos recursos financeiros e humanos, ao passo que o grupo de crianças sem problemas de comportamento estavam inseridas em um ambiente mais apoiador e supridor, com mais oportunidades de convivência com os pais e envolvimento em atividades facilitadoras do desenvolvimento.

Além das questões relacionadas ao contexto socioeconômico, existem estudos que enfatizam as diferenças comportamentais quando se observam meninos e meninas. Nos estudos psicométricos da Escala de Comportamento Adaptativo Versão Portuguesa (Ecap), foram observadas diferenças significativas entre meninos e meninas nas pontuações nos domínios “Autonomia”, “Atividade Doméstica” e “Desenvolvimento da Linguagem”. Além disso, as meninas apresentaram valores acima da média nos domínios “Atividade Pré-profissional”, “Personalidade”, “Responsabilidade” e “Socialização” (Santos, 2007). Essa diferença pode estar associada ao sexo em razão de o padrão cultural português valorizar mais os comportamentos presentes nesses domínios quando emitidos por mulheres (Santos, 2007).

Assim como em Portugal, na realidade brasileira também são encontradas diferenças no cotidiano infantil em função do sexo da criança ou adolescente.

A pesquisa “Por ser menina no Brasil: crescendo entre direitos e violências”, conduzida pela Plan International Brasil (Plan) (2013), demonstrou que 81,4% das garotas entrevistadas arrumavam a própria cama, 76,8% lavavam a louça e 65,6% limpavam a casa, enquanto somente 11,6% de seus irmãos homens arrumavam a cama, 12,5% lavavam a louça e 11,4% limpavam a casa, o que gera preocupações acerca da qualidade de vida das garotas, em razão de o tempo demandado por essas atividades tirar parte de sua infância quanto aos seus direitos de brincar e estudar, sem assumir as responsabilidades dos adultos (Plan Brasil, 2013). Sobre problemas de comportamento, Ferreira e Marturano (2002) identificaram uma média mais elevada para dificuldades nas relações interpessoais no grupo composto por meninos.

Outros estudos apontam que há diferenças nas habilidades de socialização, vida diária e problemas emocionais e comportamentais de adolescentes com desenvolvimento típico em função do sexo e nível socioeconômico (Ferreira; Marturano, 2002; Santos, 2007; Emerich *et al.*, 2012; Plan Brasil, 2013; Reiss *et al.*, 2019). Contudo, no que se refere ao comportamento adaptativo, a maioria das pesquisas está voltada à investigação do desenvolvimento de pessoas com transtornos relacionados ao desenvolvimento (Arouca, 2013; Ferreira; Van Munster, 2014), não abrangendo as diferenças no comportamento adaptativo de indivíduos que apresentam desenvolvimento típico, ou seja, aqueles que estão dentro dos parâmetros de desenvolvimento esperados para a faixa etária. Considerando esse cenário, o presente estudo teve como objetivo analisar o comportamento adaptativo de adolescentes com desenvolvimento típico de diferentes níveis socioeconômicos e verificar se o nível socioeconômico e o sexo são variáveis associadas à presença desse tipo de repertório. Uma vez que o desenvolvimento humano se dá a partir de interações interdependentes e contínuas entre o comportamento do indivíduo e seu ambiente físico ou social (Vasconcelos; Naves; Ávila, 2010), a hipótese que conduziu a realização do trabalho foi a de que existem diferenças no comportamento adaptativo dos adolescentes em razão dos cenários nos quais eles estavam inseridos: no que diz respeito ao nível socioeconômico, esperava-se que o grupo de adolescentes com níveis socioeconômicos mais baixos apresentaria um desempenho mais elevado nas habilidades voltadas a atividades diárias (atividades domésticas e comunitárias e de autocuidado); já em relação ao sexo, esperava-se encontrar maior pontuação no grupo de meninas para habilidades voltadas às relações interpessoais, de comunicação e atividades domésticas, corroborando os estudos psicométricos da Ecap (Santos, 2007).

MÉTODO

Participantes

A amostra deste estudo foi composta por 84 pessoas que se autodeclararam como as principais cuidadoras de adolescentes com idades entre 10 e 19 anos, matriculados no Ensino Fundamental e Ensino Médio de escolas públicas e privadas localizadas na Grande São Paulo/SP. Foram incluídos na pesquisa apenas responsáveis por adolescentes que frequentavam regularmente instituições de ensino e não tinham diagnóstico ou suspeita de transtornos do neurodesenvolvimento ou síndromes genéticas.

A idade média dos adolescentes do sexo masculino foi de 13,40 anos (DP = 2,08), semelhante à das adolescentes do sexo feminino, que foi de 13,41 anos (DP = 1,86) ($t = -0,045$; $p = 0,964$). Em ambos os grupos, a maioria dos adolescentes cursava o Ensino Fundamental: 69,8% dos meninos e 67,5% das meninas (qui-quadrado = 0,050; $p = 0,824$). Não houve diferença entre os adolescentes dos sexos masculino e feminino quanto ao respondente do instrumento, sendo a mãe responsável por 90,7% dos meninos e 87,8% das meninas (qui-quadrado = 0,215; $p = 0,898$). Quanto ao nível de escolaridade dos respondentes, 25,6% dos responsáveis por adolescentes do sexo masculino possuíam menos que o Ensino Médio completo, 20,9%, o Ensino Médio completo e 53,5%, Ensino Superior ou pós-graduação, enquanto 14,6% dos responsáveis por adolescentes do sexo feminino possuíam menos que o Ensino Médio completo, 29,3%, o Ensino Médio completo e 56,1%, Ensino Superior ou pós-graduação, com diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos (qui-quadrado = 1,853; $p = 0,0396$). Com relação ao nível socioeconômico, não houve diferenças estatisticamente significativas entre meninas e meninos: 23,3% dos meninos pertenciam ao nível socioeconômico alto (classes A e B1), 46,5%, ao nível socioeconômico médio (classes B2 e C1) e 30,2%, ao nível socioeconômico baixo (classes C2, D e E), enquanto 31,7% das meninas pertenciam ao nível socioeconômico alto, 48,8%, ao nível socioeconômico médio e 19,5%, ao nível socioeconômico baixo (qui-quadrado = 1,535; $p = 0,464$).

Instrumentos

Os instrumentos utilizados neste estudo foram a Vabs-II (Sparrow; Balla; Cicchetti, 1984) e um questionário de dados sociodemográficos. A Vabs permite mensurar o nível de independência pessoal e social do indivíduo ao

longo da vida. Para tanto, investiga as habilidades (sociais, práticas e conceituais) adquiridas por ele para responder às demandas do cotidiano. Tais comportamentos são investigados a partir de três domínios: Comunicação (subdomínios: expressiva, receptiva e leitura/escrita), Habilidades da vida diária (subdomínios: pessoais, domésticas e na comunidade) e Socialização (relações interpessoais, jogos e lazer e regras sociais). Trata-se de uma entrevista semiestruturada com 307 itens, realizada com o principal cuidador do adolescente, na qual o avaliador lê as afirmações e o respondente deve classificá-las, com base nos comportamentos do adolescente, da seguinte forma: 2 para “sim, frequentemente” este comportamento é emitido, 1 para “algumas vezes ou parcialmente”; 0 “não, nunca”; N para “não teve oportunidade”; DK para “não sabe”, isto é, o respondente não sabe se este comportamento é emitido ou não. As análises de dados são feitas com base no cálculo da pontuação bruta obtida em cada domínio e no cálculo da idade em meses correspondente à pontuação, sendo possível aferir a adequação do nível desenvolvimental e o desenvolvimento adaptativo da pessoa avaliada (Sparrow; Balla; Cicchetti, 1984). Os resultados são apresentados em termos de pontuação e da classificação desta em cinco pontos: muito baixo, baixo, adequado, alto e muito alto. Para o presente estudo, as classificações muito baixo e baixo foram agrupadas, bem como alto e muito alto. Optou-se pela utilização da Vabs-II por ser o único instrumento para avaliação do CA traduzido para o português brasileiro durante a condução da coleta de dados (Ferreira; Van Munster, 2014).

O questionário de dados sociodemográficos foi desenvolvido pelas pesquisadoras para caracterizar os adolescentes e as famílias acerca da renda, escolaridade e moradia. Foram apresentadas questões sobre idade, sexo, tipo de escola e ciclo cursado pelos adolescentes, bem como sobre a estrutura familiar, habitação, situação no mercado de trabalho, renda familiar, escolaridade dos pais ou responsáveis, relações familiares e utilização de benefícios sociais. O questionário incluiu as questões do Critério Brasil (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa [ABEP], 2019) para avaliação do poder aquisitivo da família e definição da classe socioeconômica, por meio de questões sobre o número de bens de consumo presentes na residência, serviços públicos disponíveis na rua e nível de escolaridade do chefe da família. A pontuação do Critério Brasil varia de 0 a 100, sendo que valores entre 45 e 100 equivalem à Classe A, 38 e 44 à classe B1, 29 a 37 à classe B2, 23-28 à classe C1, 17 a 22 à Classe C2 e 0 a 16 às Classes D e E. Para a realização do presente estudo,

as classes A1 e B1 foram reunidas na categoria Classe Alta, B2 e C1 como Classe Média e C2 e D-E como Baixa.

Procedimentos

Com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie (CAEE: 14304719.8.0000.0084), os responsáveis foram convidados a participar deste estudo a partir de convites enviados por escolas parceiras, que aceitaram colaborar com o estudo, ou de um convite virtual na plataforma Google Forms disponibilizado em redes sociais como Facebook e WhatsApp. As entrevistas foram realizadas pessoalmente com 26 participantes e via telefone em dia e horário agendados com os demais (n = 58).

As entrevistas foram conduzidas pela primeira autora do trabalho, uma estudante de Psicologia devidamente treinada, com experiência na aplicação e utilização da Vabs em pesquisa e sob supervisão da última autora, psicóloga, com doutorado em Psicologia Clínica. Todos os respondentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual foram delineados os objetivos do estudo, os procedimentos para coleta de dados, bem como os possíveis benefícios e desconfortos que poderiam surgir nesse processo, a confidencialidade dos dados coletados, o direito a deixar a pesquisa em qualquer momento, além do contato dos profissionais responsáveis pela pesquisa. Todos os participantes receberam um relatório sobre o comportamento adaptativo do adolescente sob sua responsabilidade.

Análise de dados

Após a coleta, os dados foram tabulados para a caracterização da amostra, considerando idade, sexo, tipo de escola, ciclo cursado e nível socioeconômico. A partir dos dados tabulados, foram realizados testes estatísticos descritivos para caracterizar a amostra. Em seguida, foram feitos testes de normalidade de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk para verificar o tipo de distribuição da amostra e definir os testes estatísticos mais adequados para as análises inferenciais. Em função da não normalidade da distribuição das pontuações obtidas nos domínios da Vabs, foi utilizado o teste U de Mann-Whitney para amostras independentes a fim de comparar os resultados em termos de comportamentos adaptativos apresentados pelos meninos e meninas e o teste de Kruskal-Wallis para analisar as diferenças em função dos níveis socioeconômicos (baixo x médio x alto). O teste qui-quadrado de Pearson foi utilizado para comparar a

frequência das classificações “baixo”, “adequado” e “alto” nos domínios e subdomínios da Vabs entre os sexos e níveis socioeconômicos. Além disso, o teste de correlação de Spearman foi realizado para verificar a associação entre todas as variáveis. Todas as análises foram realizadas utilizando o software *IBM SPSS Statistics* – versão 22.0, adotando como nível de significância o valor de $p < 0,05$ e valores de $p \leq 0,07$ para marginalmente significativo.

RESULTADOS

A comparação das médias obtidas por meninos e meninas nos domínios e subdomínios da Vabs são apresentadas na Tabela 1. O U de Mann-Whitney não indicou diferença significativa para essa variável.

Tabela 1 ■ Comparação de médias por sexo – domínios e subdomínios da Vabs

Domínio	Masculino	Feminino	P
Comunicação	85,09 (11,82)	87,46 (12,36)	0,340
Receptiva	12,63 (2,45)	12,95 (2,71)	0,490
Expressiva	12,56 (2,59)	12,95 (2,71)	0,850
Escrita	12,56 (2,09)	13,27 (1,94)	0,142
Atividades Diárias	90,19 (14,05)	92,27 (13,01)	0,378
Autocuidado	14,05 (2,89)	14,80 (2,88)	0,221
Domésticas	10,79 (2,21)	11,34 (1,93)	0,210
Comunitárias	15,21 (3,07)	14,88 (2,91)	0,649
Socialização	96,23 (15,09)	94,43 (12,45)	0,654
Interpessoais	14,65 (3,15)	14,34 (2,60)	0,773
Brincar e Lazer	12,91 (2,27)	12,20 (2,02)	0,149
Adaptação	15,70 (2,95)	15,61 (2,64)	0,832
Total	86,93 (17,62)	90,12 (12,28)	0,395

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A comparação das classificações obtidas nos domínios e subdomínios da Vabs também não indicou diferenças significativas em função do sexo, como pode ser observado na Tabela 2.

Tabela 2 Classificação obtida por meninos e meninas nos domínios e subdomínios da Vabs

Domínio	Masculino			Feminino			p
	Baixo %	Ad %	Alto %	Baixo %	Ad %	Alto %	
Comunicação	53,5	44,2	2,3	51,2	46,3	2,4	0,979
Receptiva	46,5	53,5	0,0	48,8	51,2	0,0	0,835
Expressiva	53,5	45,5	0,0	61,0	39,0	0,0	0,488
Escrita	48,8	48,8	2,3	43,9	53,7	2,4	0,902
Atividades Diárias	48,8	48,8	2,3	26,8	70,7	2,4	0,113
Autocuidado	25,6	62,8	11,6	22,0	56,1	22,0	0,446
Domésticas	74,4	25,6	0,0	63,4	36,6	0,0	0,276
Comunitárias	23,3	51,2	25,6	22,0	63,4	14,6	0,405
Socialização	34,9	53,5	11,6	36,6	51,2	12,2	0,979
Interpessoais	32,6	44,2	23,3	22,0	61,0	17,1	0,303
Brincar e Lazer	48,8	46,5	4,7	58,5	41,5	0,0	0,302
Adaptação	14,0	60,5	25,6	9,8	63,4	26,8	0,838
Total	48,8	46,5	4,7	39,0	58,5	2,4	0,515

* Ad = adequado

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Quanto ao nível socioeconômico, foi encontrada diferença estatisticamente significativa entre os grupos no subdomínio Leitura e Escrita, e a pontuação mais elevada foi no grupo de cuidadores de adolescentes de nível socioeconômico alto ($p = 0,020$). No subdomínio de Relações Interpessoais, foi encontrada diferença marginalmente significativa entre os grupos com pontuação mais elevada no grupo nível socioeconômico baixo ($p = 0,058$). Não foram encontradas diferenças significativas nas demais pontuações de CA. Os valores obtidos e os resultados dos testes de Kruskal-Wallis são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 Pontuação na Vabs: diferenças em função do nível socioeconômico

Domínio	N Baixo	N Médio	N Alto	P
Comunicação	86,19 (12,38)	84,00 (11,49)	90,22 (12,28)	0,119
Receptiva	13,04 (2,65)	12,30 (2,40)	13,39 (2,70)	0,209
Expressiva	12,42 (2,71)	12,27 (2,50)	13,00 (2,17)	0,398
Escrita	12,71 (1,64)	12,42 (2,08)	13,91 (1,97)	0,020
Atividades Diárias	93,95 (14,93)	88,27 (12,31)	93,78 (13,67)	0,179
Autocuidado	15,04 (2,67)	13,87 (2,81)	14,78 (3,16)	0,157
Domésticas	11,52 (2,29)	10,67 (2,08)	11,30 (1,84)	0,197
Comunitárias	15,14 (3,11)	14,60 (2,85)	15,73 (3,12)	0,304
Socialização	98,90 (13,94)	93,70 (12,10)	94,82 (16,31)	0,315
Interpessoais	15,47 (3,04)	13,80 (2,47)	14,82 (2,75)	0,058
Brincar e Lazer	12,80 (2,58)	12,75 (2,03)	12,00 (1,95)	0,215
Adaptação	16,28 (2,70)	15,30 (2,67)	15,69 (3,06)	0,419
Total	88,00 (22,62)	86,90 (10,14)	91,69 (14,60)	0,400

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Também foram realizadas análises de correlação para verificar as associações entre o nível socioeconômico medido pela pontuação do Critério Brasil e as pontuações obtidas por meninos e meninas na Vabs. Foi verificada uma correlação negativa marginalmente significativa de pequena magnitude ($r = -0,279$; $p = 0,070$) entre a pontuação dos meninos no Critério Brasil e no subdomínio “Brincar e Lazer”. Nos demais domínios e subdomínios avaliados pelo instrumento, não foram encontradas correlações significativas. Os resultados estão descritos na Tabela 4.

Tabela 4 | Teste de correlação entre a pontuação nas escalas e a pontuação do Critério Brasil

Domínio	Correlação de Spearman					
	Total		Meninos		Meninas	
	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>p</i>	<i>r</i>	<i>P</i>
Comunicação	0,099	0,369	0,022	0,891	0,158	0,323
Comunicação Receptiva	0,008	0,939	0,098	0,532	-0,107	0,507
Comunicação Expressiva	0,111	0,317	0,003	0,983	0,213	0,180
Comunicação Escrita	0,127	0,251	-0,011	0,943	0,250	0,114
Atividades Diárias	-0,67	0,542	-0,079	0,616	-0,077	0,632
Autocuidado	-0,110	0,318	-0,162	0,301	-0,074	0,645
Atividades domésticas	-0,123	0,266	-0,039	0,802	-0,263	0,097
Atividades comunitárias	0,059	0,593	0,024	0,877	0,101	0,532
Socialização	-0,148	0,179	-0,231	0,136	-0,029	0,855
Relações Interpessoais	-0,087	0,429	-0,073	0,643	-0,055	0,734
Brincar e Lazer	-0,160	0,145	-0,279	0,070	-0,044	0,786
Habilidades de Adaptação	-0,130	0,239	-0,189	0,226	-0,087	0,587
Total	-0,033	0,769	-0,082	0,601	0,000	0,998

Fonte: Elaborada pelas autoras.

DISCUSSÃO

O conceito de CA desempenha um papel importante como fator que permite a integração e a vivência cotidiana de todos os indivíduos (Santos; Morato, 2002). Frente a isso, este estudo se propôs a investigar se existe efeito de sexo e nível socioeconômico no CA de adolescentes com desenvolvimento típico. Investigações a respeito do nível de independência pessoal e social em indivíduos sem alterações no neurodesenvolvimento são escassas, porém, investigar habilidades sociais, práticas e conceituais na população jovem é extremamente relevante, uma vez que, quando prejudicadas, influenciam no funcionamento em uma ou mais atividades diárias e em múltiplos ambientes (APA, 2014), comprometendo a expectativa de que esse adolescente se torne

cada dia mais independente e alcance seu papel de membro ativo na comunidade na qual está inserido (Ferreira; Van Munster, 2014).

O impacto no domínio conceitual, mesmo quando leve, compromete as habilidades acadêmicas, assim como a capacidade de solução de problemas, de planejamento, estabelecimento de estratégias e flexibilidade cognitiva (APA, 2014), características essenciais para o desenvolvimento, seja cognitivo, social, psicológico e/ou escolar (Diamond, 2013). Quanto ao domínio social, quando há dificuldade, o adolescente mostra-se imaturo nas relações sociais, com dificuldade na percepção de pistas sociais, na regulação emocional e na comunicação, além de compreensão de riscos limitada (APA, 2014). Por fim, alterações no domínio prático caracterizam-se pela necessidade de apoio em algumas tarefas, em especial as com maior demanda de tomada de decisões e afetam, posteriormente, o desempenho de uma atividade laboral (APA, 2014).

Neste estudo, o CA foi avaliado por meio de uma escala padronizada respondida por pais/responsáveis, que é o método mais comum e indicado para sua investigação, ou seja, o adolescente avaliado não participou da sua avaliação (Sparrow; Balla; Cicchetti, 2019). Os resultados demonstraram que não há diferenças no CA em função da variável sexo na amostra estudada, tanto no que se refere à pontuação obtida na escala quanto à classificação da referida pontuação. Tal resultado é distinto do encontrado nos estudos psicométricos da Escala de Comportamento Adaptativo Versão Portuguesa (Santos, 2007), no qual foram verificadas diferenças significativas nos resultados de meninos e meninas em alguns domínios, ou mesmo do encontrado por Ferreira e Marturano (2002) no Brasil, que apontaram diferenças entre meninos e meninas com baixo desempenho escolar, e os meninos apresentaram mais problemas nas relações interpessoais. É possível que essa diferença entre a pesquisa atual e estudos anteriores decorra do fato de as demandas para o desenvolvimento do CA no contexto brasileiro, atualmente, sejam semelhantes para meninos e meninas, apesar de existirem diferenças no cotidiano infantil em função do sexo (Plan Brasil, 2013). Nesse sentido, os resultados encontrados no presente estudo foram semelhantes a estudos mais recentes, como o de Lagos-Luciano *et al.* (2022), realizado no Chile, e o de Machado, Alves e Caetano (2020) no Brasil. O estudo de Lagos-Luciano *et al.* (2022) não encontrou diferenças significativas em função do sexo ao investigar o CA de estudantes chilenos. No que se refere às habilidades relacionais, nossos resultados corroboram com Machado, Alves e Caetano (2020), que também não encontraram diferenças estatisticamente significativas nas habilidades sociais de

adolescentes do sexo feminino e masculino. Ainda que habilidades sociais e CA não sejam o mesmo constructo, Santos e Morato (2002) apontam que a evolução do conceito de CA, ao longo dos anos, permitiu que ele compreendesse noções como “habilidade social”, “assertividade” e “adaptação” por ressaltar o caráter interdisciplinar da atuação dos sujeitos no ambiente.

Apesar das condições socioeconômicas precárias serem consideradas um importante fator de risco para o desenvolvimento infantil (Donald *et al.*, 2019), neste estudo não foi verificada associação entre nível socioeconômico e o escore total do CA.

Foi observada somente uma correlação negativa marginalmente significativa entre a pontuação dos meninos no Critério Brasil e no subdomínio “Brincar e Lazer”, sugerindo que, quanto maior o nível socioeconômico, menor é o desenvolvimento de comportamentos adaptativos voltados para a realização de atividades de lazer, porém a magnitude da associação encontrada foi pequena. Na pontuação total da Vabs-II e nos domínios avaliados (Comunicação, Atividades da Vida Diária e Socialização) também não foram encontradas diferenças significativas em função do nível socioeconômico.

Contudo, foram encontrados resultados significativos ou marginalmente significativos em dois subdomínios do instrumento de avaliação, “Leitura e Escrita” e “Relações Interpessoais” respectivamente (tabelas 3 e 4). A despeito da ausência de diferenças significativas nos três domínios que a Vabs-II avalia, os resultados deste estudo indicaram que adolescentes de nível socioeconômico alto apresentam pontuação significativamente mais alta no subdomínio “Leitura e Escrita” do que seus pares com nível socioeconômico baixo de acordo com relato dos pais/cuidadores. Este resultado corrobora o estudo de Alves, Soares e Xavier (2016), no qual foi verificado que alunos do ensino fundamental com nível socioeconômico mais baixo apresentaram menor desempenho em Leitura na Prova Brasil (dados das provas de 2005 a 2013) que estudantes com melhores condições socioeconômicas. Tais evidências apontam a necessidade de melhorar o desempenho escolar dos alunos, principalmente daqueles em maior vulnerabilidade social, por meio de técnicas educacionais adequadas, como intervenções com linguagem oral, estratégias de compreensão de leitura e feedback (Pearson, 2022).

Del Prette e Del Prette (2013) apontam que a socialização é uma das mais importantes tarefas do desenvolvimento infantil, uma vez que engloba a ampliação e o refinamento do repertório de comportamentos sociais adequados para diferentes demandas. Semelhante aos resultados encontrados no estudo

de Campos, Del Prette e Del Prette (2018), no qual não foram verificadas diferenças no repertório de habilidades sociais de um grupo de adolescentes em função do nível socioeconômico, no presente estudo não foram encontradas diferenças significativas no domínio Socialização da Vabs-II em função desta variável. Porém, no subdomínio de Relações Interpessoais, os pais/cuidadores de adolescentes com nível socioeconômico baixo reportaram mais comportamentos adaptativos que os demais com diferença marginalmente significativa.

Este dado contrário a estudos anteriores nos quais não foram encontradas diferenças em função do nível socioeconômico (Campos; Del Prette; Del Prette, 2018) pode ser devido a Vabs-II avaliar diferentes subdomínios que compõem as habilidades de socialização, permitindo ver diferenças específicas do subdomínio de Relações Interpessoais que não poderiam ser observadas em uma avaliação mais geral. Fatores que podem contribuir com o desenvolvimento de comportamentos adaptativos voltados para o relacionamento interpessoal em famílias de baixa renda podem ser o cuidado com irmãos ou a maior proximidade com a comunidade na qual vivem. Além disso, deve-se considerar que apesar da vulnerabilidade socioeconômica ser um fator de risco para o desenvolvimento infantil (Donald *et al.*, 2019), a utilização de práticas parentais positivas pelos pais ou cuidadores poderão contribuir com o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais em diferentes contextos (Gomide, 2003).

Diante disso, uma limitação desta pesquisa foi a não investigação das relações entre os membros da família, uma vez que crianças que crescem em famílias com necessidades múltiplas e complexas e que são expostas a experiências adversas na infância apresentam risco aumentado para problemas de comportamento (Burke *et al.*, 2011). Além disso, no presente estudo, a diferença estatisticamente encontrada no nível de escolaridade dos cuidadores do grupo masculino e feminino pode ter afetado o desfecho da pesquisa. Outra questão é que, apesar de os pais/responsáveis terem sido orientados a responderem o que os filhos fazem efetivamente e não o que eles sabem fazer, é possível que alguns não tenham considerado essa informação, uma vez que em algumas questões da Vabs-II o fato de realizar o que está sendo descrito sem ajuda e sem que seja solicitado não fica claro. Por exemplo, nas afirmações “escova os dentes sem auxílio e sem precisar ser lembrado” e “espera sua vez mesmo sem ser solicitado”, fica evidente que se espera que o adolescente realize as ações sem apoio, no entanto, em outras perguntas como “utiliza o fogão ou forno para aquecer, cozinhar ou assar”, não. A resposta positiva indica que o adolescente seja capaz, mas não deixa claro que ele, de fato, cozinha.

Sparrow, Cicchetti e Saulnier (2019) esclarecem que um dos princípios do conceito do CA é que ele é definido pelo que o indivíduo faz, não pela sua capacidade. Apesar de a capacidade ser uma condição necessária para realização, ela não é suficiente para seu desempenho satisfatório, que também depende de motivação e de limitações impostas por outras pessoas, como os próprios pais (Sparrow; Cicchetti; Saulnier, 2019).

Também é importante pontuar que o presente estudo utilizou a Escala Vineland de Comportamento II, publicada em 1984, a versão mais recente quando a pesquisa foi iniciada que está traduzida para o português do Brasil, mas não possui normatização psicométrica para a população brasileira. No entanto, no final de 2019, a Escala Vineland de Comportamento III foi publicada com o intuito de atualizar o questionário e corrigir algumas limitações, bem como, a ABAS-3 está no processo de adaptação transcultural e validação para a população brasileira (Mecca *et al.*, 2022). Dessa forma, espera-se que estudos futuros possam utilizar um desses novos instrumentos para obter informações mais precisas avaliando o cenário atual do país.

Por fim, deve-se considerar que no presente estudo houve a ausência de análises estatísticas mais robustas, como a análise multivariada da variância para verificar os possíveis efeitos principais e de interação entre sexo e nível socioeconômico. Diante disso, recomenda-se que estudos futuros utilizem análises mais sofisticadas, além de controlarem a idade dos participantes na análise estatística, e explorem os possíveis efeitos da diferença do nível de escolaridade entre os participantes, entre outras variáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os resultados encontrados no presente estudo, pode-se concluir que não há relação entre competências adaptativas e sexo na amostra avaliada. A hipótese de que as meninas apresentariam mais competências relacionais, de comunicação e atividades domésticas não foi confirmada. Por outro lado, foram observadas algumas diferenças no CA dos adolescentes participantes em função do nível socioeconômico. Os adolescentes com nível socioeconômico alto foram avaliados com pontuação significativamente maior no subdomínio de “Leitura e Escrita”, enquanto os adolescentes com nível socioeconômico baixo foram avaliados com mais comportamentos adaptativos voltados para relações interpessoais. Tais resultados evidenciam as desigualdades sociais do sistema educacional já reportada em estudos anteriores

(Alves; Soares; Xavier, 2016) e a necessidade de a educação pública utilizar técnicas adequadas para melhorar o desempenho acadêmico dos alunos.

Sugere-se, no entanto, que estudos futuros considerem as questões familiares que podem afetar os resultados e que incluam outros respondentes, visto que a perspectiva de múltiplos informantes é preconizada para uma melhor compreensão do funcionamento comportamental dos adolescentes em diferentes situações e ambientes (Rocha *et al.*, 2017). É interessante, por exemplo, incluir os professores, ou entrevistas com os próprios adolescentes, o que permitirá investigar as especificidades do comportamento em diferentes contextos de interação, além das diferentes perspectivas, favorecendo a integração das informações e, dessa forma, a obtenção de um parecer fidedigno das reais habilidades/dificuldades e tarefas executadas pelos adolescentes.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), agradecemos o apoio financeiro concedido por meio do processo nº 2019/02778-5.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no artigo.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. T. G.; SOARES, J. F.; XAVIER, F. P. Desigualdades educacionais no ensino fundamental de 2005 a 2013: hiato entre grupos sociais. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 4, n. 7, p. 49-82, 2016.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AROUCA, S. E. M. *Aquisição de comportamentos adaptativos num caso de perturbação do espectro do autismo*. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/13422>. Acesso em: 2 fev. 2023.

BURKE, N. J. *et al.* The impact of adverse childhood experiences on an urban pediatric population. *Child Abuse & Neglect*, v. 35, n. 6, p. 408-413, 1º jun. 2011. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S014521341100113X>. Acesso em: 2 fev. 2023. DOI 10.1016/j.chiabu.2011.02.006

CAMPOS, J. R.; PRETTE, Z. A. P. D.; PRETTE, A. D. Relações entre depressão, habilidades sociais, sexo e nível socioeconômico em grandes amostras de adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 34, e3446, 16 jul. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/sRGbKgyxyvTDBBvV9pX9yyN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 2 fev. 2023. DOI 10.1590/0102.3772e3446

CAVALCANTE, M. V. *et al.* Estimulação cognitiva e aprendizagem infantil: revisão de literature/ Cognitive stimulation and child learning: literature review. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 6, p. 41981-41990, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/12432/10423>. Acesso em: 2 fev. 2023. DOI 10.34117/bjdv6n6-655

COSTA, K. A.; LAPORT, T. J. Família e sociedade: uma análise sobre o processo do desenvolvimento humano. *Revista Mosaico*, v. 10, n. 1, 26 jun. 2019. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1784>. Acesso em: 2 fev. 2023. DOI 10.21727/rm.v10i1.1784

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes, 2013.

DIAMOND, A. Executive Functions. *Annual Review of Psychology*, v. 64, n. 1, p. 135-168, 3 jan. 2013. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4084861/>. Acesso em: 2 fev. 2023. DOI 10.1146/annurev-psych-113011-143750

DONALD, K. A. *et al.* Risk and protective factors for child development: an observational South African birth cohort. *PLOS Medicine*, v. 16, n. 9, p. e1002920, 27 set. 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31560687/>. Acesso em: 2 fev. 2023. DOI <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1002920>

EMERICH, D. R.; ROCHA, M. M.; SILVARES, E. F. de M.; GONÇALVES, J. de P. Diferenças quanto ao gênero entre escolares brasileiros avaliados pelo Inventário de Comportamentos para Crianças e Adolescentes (CBCL/6-18). *Psico*, [s. l.], v. 43, n. 3, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/10053>. Acesso em: 21 jul. 2023.

FERREIRA, E. F.; VAN MUNSTER, M. D. A. Métodos de avaliação do comportamento adaptativo em pessoas com deficiência intelectual: uma revisão de literatura. *Revista Educação Especial*, v. 1, n. 1, 19 dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/educacaoespecial/article/view/14339>. Acesso em: 2 fev. 2023. DOI 10.5902/1984686X14339

FERREIRA, M. C. T.; MARTURANO, E. M. Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 1, p. 35-44, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/CnSXwhwTkSGmnsLsTp4v6zC/?lang=pt>. Acesso em: 2 fev. 2023. DOI 10.1590/S0102-79722002000100005

GOMIDE, P. I. C. Estilos parentais e comportamento anti-social. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. (org.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem*. Campinas: Alínea, 2003. p. 21-60.

GROSSMAN, H. J. *Classification in mental retardation*. Washington, DC: American Association on Mental Deficiency, 1983.

HOLLINGSHEAD, A. B. *Four factor index of social status*. New Haven: Yale University, 1975. Unpublished work.

LAGOS-LUCIANO, J. et al. Conducta adaptativa en estudiantes chilenos sin discapacidad intelectual: diferencias por género y edad. *Revista Ecuatoriana de Neurología*, Guayaquil, v. 31, n. 1, p. 27-32, jul. 2022. Disponível em: http://scielo.senescyt.gob.ec/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2631-25812022000100027&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 11 jul. 2023. DOI 10.46997/revecuatneuro131100027

LISBOA, E. R.; CUSTÓDIO, E. M. Correlação entre instrumento quantitativo e qualitativo visando uma compreensão abrangente dos níveis adaptativos e de atividade e participação dos indivíduos. *Revista Científica CIF Brasil*, v. 5, n. 5, p. 15-23, 2016.

MACHADO, S. F.; ALVES, S. H. S.; CAETANO, P. F. Relação entre habilidades sociais, estresse, idade, sexo, escola e série em adolescentes. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 32, p. 210-217, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/9bXcs5kjY7jQZf7gk9Pf6kb/?lang=pt>. Acesso em: 2 fev. 2023. DOI 10.22409/1984-0292/v32_i-esp/3979

MECCA, T. P. et al. Funcionamento adaptativo: panorama nacional e avaliação com o Adaptive Behavior Assessment System. *Psicologia – Teoria e Prática*, v. 17, n. 2, p. 107-122, 31 ago. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872015000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 3 fev. 2023.

MECCA, T. et al. Transcultural adaptation of the Adaptive Behavior Assessment System (ABAS-3). *International Journal of Developmental Disabilities*, p. 1-12, 21 dez. 2022.

MELO, S. H. D.; MARIN, A. Influência das composições familiares monoparentais no desenvolvimento da criança: revisão de literatura. *Revista da SPAGESP*, v. 17, n. 1, p. 4-13, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702016000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 3 fev. 2023.

MORGADO, A. M.; DIAS, M. DA L. V.; PAIXÃO, M. P. O desenvolvimento da socialização e o papel da família. *Análise Psicológica*, v. 31, n. 2, p. 129-144, 12 nov. 2013. Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312013000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 fev. 2023.

PEARSON, H. The school experiment. *Nature*, v. 605, p. 608-611, 2022. DOI 10.1038/d41586-022-01387-7

PLAN BRASIL. Por ser menina no Brasil: crescendo entre direitos e violências. Brasília: Plan Brasil, 2013. Disponível em: http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2015/03/1-por_ser_menina_resumoexecutivo2014.pdf. Acesso em: 2 fev. 2023.

PRICE, J.; MORRIS, Z.; COSTELLO, S. The application of Adaptive Behaviour Models: a systematic review. *Behavioral Sciences*, v. 8, n. 1, p. 11, 15 jan. 2018.

REISS, F. *et al.* Socioeconomic status, stressful life situations and mental health problems in children and adolescents: results of the German Bella cohort-study. *PLOS One*, v. 14, n. 3, 13 mar. 2019.

ROCHA, M. M. *et al.* Contribuição de múltiplos informantes para avaliação comportamental de adolescentes com queixas de desatenção e hiperatividade. *Psico*, v. 48, n. 4, p. 295, 27 dez. 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/25859>. Acesso em: 2 fev. 2023. DOI 10.15448/1980-8623.2017.4.25859

SANTOS, S. Estudo psicométrico da escala de comportamento adaptativo versão portuguesa (Ecap). 2007. Tese (Doutorado em Motricidade Humana) – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2007. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/5101>. Acesso em: 3 fev. 2023.

SANTOS, S.; MORATO, P. *Comportamento adaptativo*. Porto: Porto Editora, 2002.

SANTOS, S.; MORATO, P. O comportamento adaptativo no currículo. *Journal of Research in Special Educational Needs*, v. 16, p. 736-740, ago. 2016. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/1471-3802.12330>. Acesso em: 3 fev. 2023. DOI 10.1111/1471-3802.12330

SPARROW, S. S.; BALLA, D.; CICCETTI, D. *Vineland Adaptive Behavior Scales: expanded edition*. Circle Pines, MN: American Guidance Service, 1984.

SPARROW, S. S.; CICCETTI, D. V.; SAULNIER, C. A. *Vineland-3: escala de comportamento adaptativo Vineland*. 3. ed. São Paulo: Pearson Clinical, 2019.

VASCONCELOS, L. A.; NAVES, A. R. C. X.; ÁVILA, R. R. Abordagem analítico-comportamental do desenvolvimento. In: TOURINHO, E. Z.; LUNA, S. V. (org.). *Análise do comportamento: investigações históricas, conceituais e aplicadas*. São Paulo: Roca, 2010. p. 125-151.

WACHS, T. D.; CUETO, S.; YAO, H. More than poverty. *International Journal of Behavioral Development*, v. 40, n. 6, p. 536-543, 9 jul. 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0165025416648231>. Acesso em: 2 fev. 2023. DOI 10.1177/0165025416648231